

DECIFRANDO O CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE PARINTINS: UM ESTUDO SEMÂNTICO

Raul Victor Santos Silva
José Camilo Ramos de Souza

RESUMO: A presente pesquisa apresenta uma análise semântica do artigo “Decifrando o Centro Histórico da Cidade de Parintins: Um Estudo Semântico”, cujo objetivo principal é compreender a articulação entre o passado e o presente para que se decifra o Centro Histórico da cidade de Parintins, semanticamente e as relações culturais e históricas do lugar. A pesquisa busca interpretar, de forma semântica, as relações culturais e históricas que se manifestam por meio dos nomes das ruas, logradouros e edificações que ainda resistem na paisagem urbana da cidade. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em uma leitura bibliográfica baseada em autores como Antônio Bitencourt (1924) e Arthur Reis (1967) que analisam as memórias e o processo de formação de Parintins. Soma-se a isso o uso dos conceitos de rugosidade e inércia, discutidos por Corrêa (2005) e Santos (2009), que abordam as marcas materiais e imateriais persistentes no espaço urbano, mesmo diante das transformações impostas pelo tempo e pelas dinâmicas sociais. Esses referenciais permitem compreender o Centro como um espaço vivo composto por múltiplas camadas históricas que coexistem. O trabalho inclui também um levantamento sistemático em bancos de teses, dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso de instituições estaduais e federais. Esse estudo possibilitou identificar as principais aspectos do centro, registrando seus limites, transformações e denominações ao longo dos anos. Os resultados evidenciam elementos urbanos que permanecem como testemunhos da memória coletiva, reforçando o papel do Centro Histórico como referência identitária e cultural para Parintins.

Palavras-chave: Semântica; Parintins; Centro histórico; Linguagem e espaço; Memória cultural.

1 INTRODUÇÃO

Estudar o centro urbano de uma cidade é aventurar pelo centro histórico e comercial da cidade e nesse particular, Parintins, que tem o privilégio de olhar o rio Amazonas e contemplar sua grandeza.

Esse estudo conduz a reflexão sobre o viver e morar na cidade e é inquietante porque se parte sempre do que se precisa entender das e nas relações sociais e de suas interações, concretamente, no que diz respeito a construção e organização do espaço, porque é resultado e resultante de atividades práticas (Carlos, 2007).

Nessa direção, a reflexão sobre o centro histórico de Parintins é, de fundamental importância, quando se procura semanticamente se ter a compreensão das práticas que impulsionaram as atividades socioespaciais, maneira ou forma pela qual a vida latente faz viver a cidade, enquanto forma e a própria apropriação do espaço, elemento importante que constitui a realização do cidadão que tem que entender a forma e função de uma cidade e assim poder decifrar seus códigos, seus matizes, seus símbolos e signos.

É nesse percurso que a análise do processo de decifração do centro (nome de ruas, nome de logradouros, tempo e espaço pretérito e presente) coloca para esse momento um grande desafio, porém, capaz de ser superado e assim apresentar contribuições para a compreensão sócio e espacial que anima a cidade.

A intensão que se traz ao debate, ultrapassa a simplificação, sendo capaz de decifrar os caminhos e processos transformadores do centro, que estão deixando-o sem sua identidade histórica, como elemento fundante de construção de um pensamento sobre as relações espaciais e históricas existente na rugosidade (Santos, 2009, 2004 e 1982) e as inércias (Corrêa, 2005 e 1995), que são marcas que indicativas de como a cidade foram construídas e seus rumos de expansão urbana.

As mudanças que realizaram no centro da cidade deixam marcas profundas de suas perdas espaciais (patrimônio arquitetônico), porém, criam novos traços que oportunizam nova organização comportamentais, onde se determina gestos explicitadores das formas de apropriação dos lugares do centro da cidade, passando a ser chamados de modernidade, iluminando a vida de uma nova paisagem do centro histórico.

Essas relações de transformações podem criar limites do uso e do fazer, podem redefinir o espaço, revelando-o pela tendência de destruição do espaço histórico e público em troca do novo, porém, sem a dinamicidade de vida a partir do uso.

O centro urbano, assim como cada espaço na cidade, passa a ser mercadoria, na visão imobiliária e em sendo, o antigo perde valor e é substituído o uso pelo valor de troca; apesar de toda pressão existente, o centro histórico guarda memória que precisa ser decifrado, como: quem foi Vieira Júnior? Quem foi Herbeth de Azevedo? Quem foi Benjamin da Silva? Por que Boulevard 14 de Maio? Por que 31 de Março?

Esses são algumas das inúmeras inquietações, que impulsiona o pensar no sentido de decifrar.

O olhar atento consegue perceber que as modificações constatadas no centro urbano de Parintins revelam as resistências arquitetônicas e ao mesmo tempo apontam o deslocamento do centro comercial para outras direções da cidade, mas as marcas pretéritas estão cheias de registros que necessitam ser revelados para que se entendam sua importância de construtora da história da própria cidade de Parintins, a qual se revela forte e expansiva, cheia de contrastes, mas ainda pacata e hospitaleira.

As memórias estão sendo apagadas pelo tempo, quando deixam um prédio histórico desabar pela falta de manutenção ou quando passam a mudar o nome das ruas para dar espaço a outros nomes de pessoas, que também ajudaram a construir a cidade. Ainda nessa direção, quem foi o arquiteto ou engenheiro que construiu o prédio do Cine Brasil, posteriormente Cine Saul? Que tipo de prédio ... greco/romano? O que foi o caracol e porque foi destruído? Quem foi Faria Neto? Inúmeros questionamentos fluem a mente sobre o que o centro urbano e histórico guarda em seu espaço socialmente construído.

É preciso reafirmar preocupações que afloram no pensar: o centro urbano e histórico vem sendo pensado como algo físico (um mapa quase pronto aberto sobre uma mesa), também como ambiente urbano (aqui sendo visto naturalizado) e em ambos a forma de pensar passa a ignorar o conteúdo da prática socioespacial que lhe dá forma e conteúdo (Praça do Cristo Redentor transformado em Praça Digital), que animava o viver e esse espaço da praça perdeu seu significado e sua importância.

Assim como também passa a perder seu significado o centro histórico, que é registro e memória de tempos pretéritos, construtores da cidade. O antigo passou a ser visto como velho e logo sem importância; precisa ser recuperado a importância desses testemunhos para se entender a cidade e a própria forma e função, o viver, o perceber, o sentir, o existir dentro da cidade e a cidade que há dentro de cada cidadão de Parintins.

Olhar o centro histórico de Parintins foi necessário ter como objetivo geral compreender a articulação entre o passado e o presente para que se decifra o Centro Histórico da cidade de Parintins, semanticamente e as relações culturais e históricas do lugar. Os específicos que ajudaram a identificar o conteúdo e a função do Centro

Histórico de Parintins na perspectiva de compreensão dos construtores da cidade; verificar semanticamente os nomes de logradouros e demais espaços animam a relação socioespacial do Centro Histórico de Parintins; analisar as possibilidades de construção de mapas temáticos demonstrando as transformações e resistências do Centro Histórico de Parintins.

1.1 Procedimentos Metodológicos.

Para decifrar o objetivo pesquisado e alcançar os objetivos proposto foi necessário construir os seguintes materiais e métodos de pesquisa, iniciando pela leitura atenta da tese de doutorado de Vitor Ribeiro Filho (2004), que estudou o Centro da cidade de Manaus, onde construiu o conceito de centro, traz em sua metodologia grande contribuição para que esta pesquisa possa ser realizada.

As obras de Antônio Bitencourt (1924) e Arthur Cesar Ferreira Reis (1967), sobre a cidade de Parintins contribuem para entender como a cidade foi se construindo e se expandido espacialmente.

Procurar-se-á nos bancos de teses, dissertações e tcc, das Universidades Federal e Estadual do Amazonas, produções científicas que tratem sobre a cidade de Parintins e se trazem alguma discussão no sentido de deciframos nomes de ruas e demais logradouros do Centro Histórico de Parintins.

Realizar-se-á levantamento de nomes de ruas (início e fim), georreferenciando para depois, a partir da planta cartográfica da cidade de Parintins iniciar a identificação de quem foram os nomes constantes e registrados. Importante destacar que há necessidade de decifrar quais as primeiras identificações, em termos de nomes, das ruas da frente, do meio e detrás.

Este artigo está estruturado em duas seções. A primeira se faz a descrição do centro em seu processo de construção, onde há o estabelecimento do nome das ruas e demais logradouros. A segunda seção traz o resultado com a devida decifração dos nomes, para que se possa ter conhecimento de quem foram e o grau de importância para a cidade de Parintins.

2. DECIFRANDO O CENTRO DA CIDADE DE PARINTINS

Decifrar o centro da cidade de Parintins é um exercício que exige sensibilidade para compreender a cidade como um organismo vivo, que respira, sente e se transforma de acordo com o ritmo da vida cotidiana. O centro não é apenas um ponto geográfico de referência, mas também o espaço simbólico onde a história se materializa e o presente se constrói continuamente.

Nesse sentido, entender o centro de Parintins é mergulhar em uma leitura semântica que revela os significados ocultos nas formas urbanas, nos nomes das ruas, nas praças, nos edifícios antigos e nas práticas sociais que ali se desenrolam.

O centro histórico da cidade é o coração urbano, onde convergem fluxos de pessoas, ideias e memórias. A proximidade com rio Amazonas confere-lhe uma dimensão simbólica e estética que diferencia de outros espaços da cidade. O olhar para rio sempre esteve presente na organização espacial de Parintins, uma vez que a ocupação urbana se iniciou a partir das orla e expandiu-se em direção ao interior.

Assim, o centro, voltado para o rio Amazonas, é também uma janela voltada para o mundo, um espaço de comunicação e trocas, que expressa a relação íntima do parintinense com as águas e com o ambiente amazônico.

2.1 A gênese urbana e os significados do espaço central

A origem do centro urbano de Parintins remonta às primeiras formações de vilas e freguesia no período colonial. Segundo Bittencourt (1924) e Reis (1967), o núcleo original surgiu em torno da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo (atual igreja do Sagrado Coração de Jesus) e das primeiras construções administrativas, caracterizando o modelo típico das cidades amazônicas formadas sob influência religiosa e comercial. O espaço da igreja, da praça e do mercado tornou-se o tripé fundamental da vida urbana, configurando o que se entende como o “centro histórico”.

Cada rua, cada logradouro carrega uma história. Os nomes como Boulevard 14 de Maio, 31 de Março, Heberth de Azevedo e Vieira Junior não são apenas referências toponímicas, mas representações simbólicas de tempos e pessoas que marcaram o processo de construção da cidade. Ao mesmo tempo, revelam as camadas de poder, as ideologias e as transformações políticas e sociais pelas quais Parintins passou ao longo da sua história.

A leitura semântica desses nomes permite perceber como a cidade se conta e se reconta a si mesmo por meio da nomeação. O ato de nomear, nesse contexto, é um gesto de poder e memória. Mudar o nome de uma rua significa, alterar o modo de como o espaço é lembrado, transformado, portanto, o modo de como ele é vivido.

Assim, as ruas e praças do centro urbano tornam-se verdadeiros textos urbanos, cuja as palavras são os nomes e cuja frases são histórias que cada geração inscreve no território.

2.2 O centro como espaço de resistência e transformação

O centro histórico de Parintins, ao longo das décadas, foi sendo redesenhado por forças diversas: econômicas, políticas e culturais. O avanço da modernização urbana trouxe novas dinâmicas, mas também impôs desafios à preservação da memória arquitetônica e simbólica. O patrimônio histórico é composto por antigos casarões, praças e prédios públicos, vem sendo, gradualmente, substituído por construções modernas que nem sempre respeitam as características originais do traçado urbano.

Essas mudanças, embora representam um processo de renovação e desenvolvimento, provocam a perda de referências identitárias. A substituição de construções antigas por edificações comerciais, a descaracterização de fachadas e a ocupação desordenada das vias são exemplos de como a modernidade pode fragilizar o tecido histórico e cultural da cidade. Ainda assim, o centro resiste. Resiste nos prédios que permanecem de pé, nos nomes que ainda ecoam, nas festas que continuam a acontecer nas praças e nas memórias que persistem entre os moradores mais antigos.

A “rugosidade” do espaço, como define Santos (2009), manifesta-se nessas permanências materiais e simbólicas. São marcas do passado que se mantêm no presente, criando uma sobreposição de tempos no espaço urbano. Já as “inércias”, segundo Corrêa (2005), evidenciam os traços que permanecem mesmo diante das transformações, permitindo reconhecer a continuidade da vida urbana. Decifrar o centro, portanto, é identificar essas rugosidade e inércias que constituem a memória viva de Parintins.

2.2A vida cotidiana e o uso social do espaço.

O centro da cidade é também o espaço das práticas cotidianas. É ali que se realiza o comércio, o encontro entre amigos, o passeio de fim de tarde, as celebrações religiosas e culturais. Esses usos dão a vida à cidade, fazem dela um lugar de convivência e pertencimento. Entretanto, as mudanças recentes no uso do solo urbano, motivadas por interesses econômicos e imobiliários, vêm alterando esse modo de viver o centro.

A expansão do comércio para outras áreas da cidade tem esvaziado parte do centro tradicional ao mesmo tempo em que novas funções tem sido atribuída aos antigos espaços públicos. A Praça Digital, antes conhecida como praça do Cristo Redentor, é um exemplo simbólico dessa transformação: o espaço que antes representava a espiritualidade e o encontro comunitário para apreciar o pôr-do-sol, agora é associado à tecnologia e o comércio. se apagando uma memória antiga e plantando uma nova memória. Embora a modernização traga benefícios, ela também modifica o sentido do uso e significado social dos lugares.

Esse processo revela um conflito entre a tradição e a modernidade. De uma lado, há necessidade de acompanhar o desenvolvimento urbano e atender às demandas da população; de outro, a urgência de preservar a memória e o patrimônio histórico. O desafio é equilibrar esses dois polos, mantendo viva a essência do centro histórico como espaço de identidade e referência simbólica para os parintinenses.

3. DIÁLOGOS DE RESULTADO SOBRE O CENTRO DE PARINTINS.

Os resultados obtidos a partir da análise do Centro Histórico de Parintins revelam um conjunto significativo de transformações espaciais, sociais e simbólicas que marcaram o processo de formação e reconfiguração urbana da cidade. A leitura semântica do espaço permitiu identificar como as mudanças ocorridas ao longo do tempo alteraram não apenas a paisagem física, mas também os significados atribuídos pelos moradores aos lugares que compõem o centro.

Observou-se que o Centro Histórico, tradicionalmente reconhecido como espaço de convivência, memória e práticas sociais, vem passando por um processo de ressignificação decorrente da modernização urbana e da expansão do comércio para outras áreas da cidade. Esse deslocamento funcional provocou o esvaziamento

de antigas referências urbanas, ao mesmo tempo em que introduziu novos usos e comportamentos no cotidiano da população.

Além disso, verificou-se que espaços públicos tradicionalmente reconhecidos pela população, como a Praça do Cristo Redentor (atualmente denominada Praça Digital) sofreram mudanças estruturais e simbólicas significativas. O processo de modernização alterou o sentido de pertencimento e afetou diretamente a relação entre os moradores e o espaço urbano, revelando tensões entre tradição e modernidade.

Os resultados mostram, portanto, que decifrar o Centro Histórico de Parintins implica reconhecer sua complexidade: um espaço em constante transformação, onde memórias se sobrepõem, resistem e, por vezes, se perdem.

3.1 A importância da decifração toponímica.

Um dos aspectos centrais da pesquisa é a análise dos nomes das ruas e logradouros: a toponímia. Esses nomes funcionam como elementos de identidade, transmitindo valores, homenagens e lembranças.

Decifrá-los é compreender as intenções e os contextos históricos que os originaram. Por exemplo, a rua Boulevard 14 de maio remete a uma data de relevância política e social, relacionada a transformação no cenário local que foi em homenagem a praça; já Vieira Júnior, Benjamin da Silva e Heberth de Azevedo referem-se a figuras que contribuíram para o desenvolvimento político e cultural da cidade. Cada nome é uma chave interpretativa que permite reconstruir o percurso histórico de Parintins.

Além disso, o estudo dos nomes das ruas permite identificar períodos de expansão urbana e momentos de mudanças políticas. O ato de renomear logradouros é uma prática recorrente em períodos de transição de poder revelando ideologias dominante de cada época. Assim, a toponímia do centro de Parintins é um espelho da história local, capaz de refletir suas rupturas, continuidades e resistências.

Figura 1: Rua / Praça Boulevard 14 de Maio

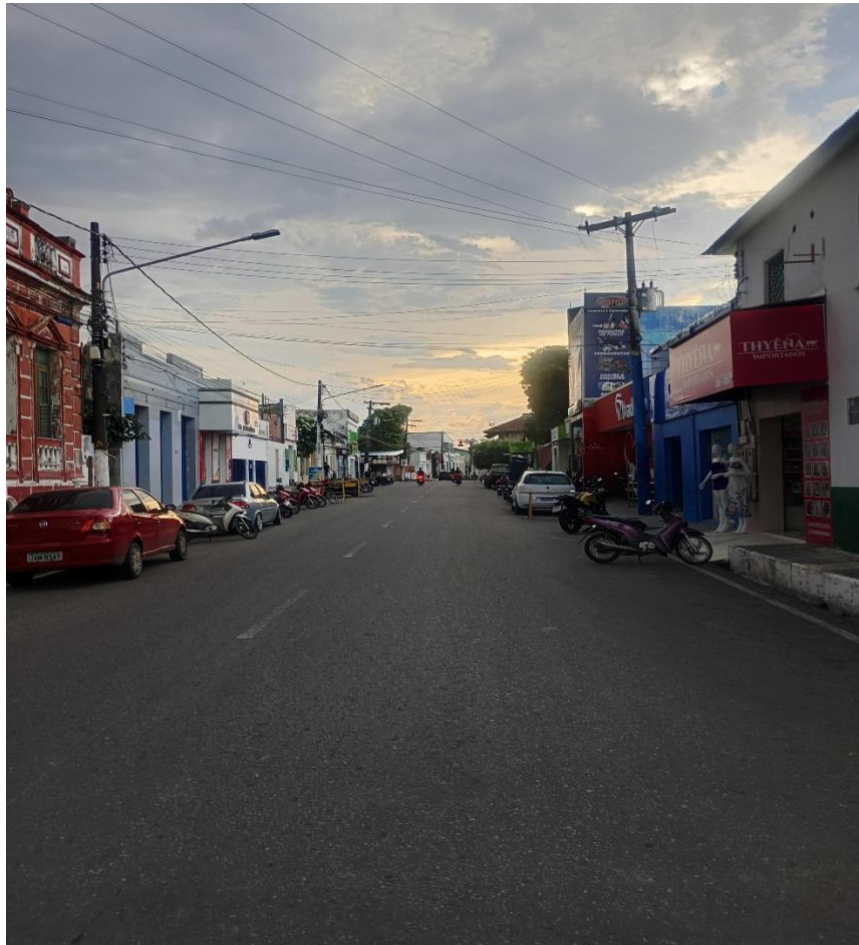


Fonte: Silva, 2025

A Praça Boulevard 14 de maio foi inaugurada dois meses após a sagração e posse do primeiro Bispo de Parintins Dom Arcângelo Cerqua, ocorrido no dia 14 de maio de 1961. O prefeito José Esteves para gravar o momento histórico construiu, na rua Monteiro de Souza, em frente ao prédio da Junta de Conciliação e Julgamento, um pequeno passeio público com uma praça que denominou de Boulevard 14 de maio (Souza, 2003).

Com o passar do tempo, a praça ganhou novas características e um apelido popular: Praça do Jacaré, que após uma revitalização, foram depositados jacarés e quelônios de verdade, sendo devolvidos à natureza em decorrência de seus crescimentos. Hoje consta no local, somente as esculturas do jacaré e do quelônio, inserida em sua ornamentação, elemento que se tornou um marco visual do local.

No ano de 2011, o espaço passou por um processo de revitalização, garantindo sua preservação e reafirmando seu papel como ponto de convivência, memória e identidade para os moradores de Parintins.

Figura 2: Rua Benjamim da Silva

Fonte: Silva, 2025

Segundo Bitencourt (1924), o Tenente Joaquim Benjamim da Silva destaca-se como um dos mais expressivos exemplos de patriotismo oriundos de Parintins. Nascido na antiga Vila Bela da Imperatriz, ofereceu-se voluntariamente para lutar na Guerra do Paraguai, onde integrou o Corpo de Engenheiros e participou de várias jornadas militares, adquirindo reconhecimento por atos de bravura, respeito de seus companheiros e a gratidão do governo imperial.

Sua morte ocorreu heroicamente no ataque ao Capão do Pires, quando, mantendo-se firme na trincheira, foi atingido por um disparo inimigo, fato que levou a Assembleia Legislativa Provincial a registrar voto de profundo pesar por sua perda. A memória desse jovem combatente, cuja coragem e dedicação tornaram-se símbolo da participação amazonense no conflito, justificou que seu nome passasse a denominar uma rua de Parintins.

3.2 Construções Históricas que ainda sobrevivem a modernização Urbana

As construções históricas presentes no centro de Parintins, constituem importantes marcos arquitetônicos que testemunham o processo de formação urbana da cidade. Algumas dessas edificações, erguidas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, apresentam características estéticas ligadas ao neoclassicismo amazônico e ao ecletismo, estilos que marcaram durante o ciclo econômica da borracha, da juta e o período de expansão comercial local.

Apesar do avanço da modernização e das constantes transformações no uso do solo, essas construções ainda resistem como elementos de memória coletiva. Suas fachadas ornamentada, janelas altas, gradis, porões ventilados e detalhes decorativos revelam técnicas construtivas tradicionais e modos de vida que já não fazem parte do cotidiano contemporâneo.

Figura 3: Escola Estadual Araújo Filho



Fonte: Silva, 2025

A Escola Estadual Araújo Filho, localizada na Rua Rui Barbosa, em Parintins, possui uma trajetória histórica que acompanha a formação educacional e urbana do município.

Criada pelo Decreto Paraense nº 146, de 24 de outubro de 1848, com a denominação de Escola do Sexo Masculino, sua existência inicial reflete valores sociais excludentes da época. A ampliação do ensino ao sexo feminino, em 1857, representa uma mudança significativa no entendimento da educação como direito, e as posteriores alterações de nomenclatura, como Grupo Escolar “Monteiro de Souza” em 1928 e Grupo Escolar “Araújo Filho” em 1931 traduzem homenagens e significados simbólicos ligados à memória coletiva e ao reconhecimento de figuras importantes da história local.

O prédio que abriga a instituição também carrega forte valor histórico e semântico. Construído entre 1803 e 1808, quando a cidade ainda se chamava Vila Nova da Rainha, inicialmente serviu como residência de José Pedro Cordovil, e seu uso posterior como escola e Paço Municipal revela a transformação de um espaço originalmente privado em um espaço público de grande centralidade política e social.

Ao longo do século XX, o edifício passou por diversas reformas que modificaram e, posteriormente, buscaram recuperar elementos arquitetônicos coloniais, sendo tombado como Patrimônio Histórico Municipal em 1998 e restaurado novamente em 2000, o que reforça seu valor cultural e sua importância como marco da memória urbana de Parintins.

No decorrer de sua história, a Escola Estadual Araújo Filho foi criada para atender às necessidades básicas da população local e, com o tempo, ampliou seu papel diante das novas demandas sociais e educacionais. Hoje, a instituição se dedica a formar cidadãos críticos, conscientes e atuantes, mantendo viva sua função histórica de espaço de construção do conhecimento e produção de significados sociais. Sua trajetória evidencia um percurso de ressignificações que revela a evolução das práticas educacionais, das relações sociais e da própria identidade parintinense.

Figura 4: Casa das Maranhense



Fonte: Silva, 2025

Em relação à casa das Maranhense, está localizada na rua Benjamin da Silva, foi construída em 1901.

Segundo Silva (2008) tem formas neoclássicas, com adornos de telhado em telhas de barro, assoalho de pau amarelo e tendo amplas e confortáveis dependências. Era local muito frequentado por conta de festas sociais e momentos de oração. Pois a família Maranhão primava pela formação educacional das pessoas. Beatriz Maranhão, uma das filhas de Afonso e de Dona Iaiazinha, foi pioneira do ensino primário em Parintins. Em sua homenagem, o município de Parintins fundou a Escola Municipal Beatriz Maranhão.

Os patrimônios históricos de Parintins, como o Palácio Cordovil, a Casa dos Maranhão e o antigo Cine Oriental e Cine Saul (hoje já extinto), têm perdido espaço

como referências culturais significativas para a população. Apesar de representarem capítulos importantes da memória urbana e social do município, esses bens não ocupam, atualmente, o lugar de destaque que mereceriam no imaginário coletivo e nas práticas de preservação.

Entre os fatores que contribuem para essa situação, destaca-se a ausência de políticas públicas específicas para promover a educação patrimonial. A falta de ações que incentivem a população, especialmente os jovens, a reconhecer o valor histórico desses espaços dificulta a construção de uma consciência preservacionista. Esse problema é agravado pelo fraco suporte ao ensino da história local nos diferentes níveis da Educação Básica, o que impede que as novas gerações estabeleçam vínculos afetivos e identitários com o passado da cidade.

Outro elemento importante é a supervalorização do Festival Folclórico de Parintins como símbolo máximo da cultura local. Embora o festival seja, de fato, uma manifestação de grande relevância para o município e para o Brasil, sua força acaba por ofuscar outros patrimônios igualmente significativos. Assim, edificações e espaços históricos, que poderiam servir como fontes de estudo, visitação e preservação da memória, permanecem em segundo plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo semântico e cultural do centro histórico de Parintins permitiu compreender que o espaço urbano é, antes de tudo, um texto vivo, composto por signos e significados que refletem a história, a identidade e memória de seu povo.

Cada rua, praça ou edificação carrega consigo fragmentos de uma narrativa coletiva, marcada pela coexistência entre a tradição e modernidade.

Verificou-se que, embora o processo de modernização urbana traga benefícios econômicos e estruturais, ele também impõe desafios à preservação da memória cultural e simbólica da cidade.

A substituição de construções históricas, a mudança de denominação de logradouros e a alteração das dinâmicas sociais do centro apontam para um cenário de perda de identidade, que precisa ser debatido e enfrentado por meio de política públicas de preservação patrimonial e a valorização da história local.

Por outro lado, centro histórico ainda resiste, essa resistência se manifesta não apenas nas estruturas físicas remanescentes, mas também nas práticas sociais e culturais que dão sentido à vida urbana.

Nesse contexto, a realização deste estudo contribui de forma significativa para a formação docente, pois possibilita ao futuro professor desenvolver um olhar crítico sobre o espaço vivido, reconhecendo o território como recurso pedagógico. Compreender o centro histórico como um texto social favorece práticas educativas que valorizam a história local, a memória coletiva e a identidade cultural dos alunos, fortalecendo o ensino contextualizado e a construção de cidadãos conscientes de seu papel na preservação do patrimônio e na transformação social.

Decifrar o centro é, portanto, reconhecer a importância da memória, compreender os processos que moldam o espaço e reafirmar o papel da linguagem como mediadora entre o homem, o território e a educação.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Antonio C. R. **Memória do Município de Parintins**: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus-Amazonas: Livraria Palais Royal, 1924.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

REIS, Arthur César Ferreira. **As origens de Parintins**. Manaus-Amazonas, Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Imprensa e Divulgação, 1967.

SANTOS, Milton. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. Tradução de: Sandra Lencioni. 5. Ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. Ed 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Espaço e Sociedade**. 2. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

SILVA, Edda Meirelles da. **Ecos da Saudade**. Manaus: Edições do Autor, 2008.

SOUZA, Tadeu de. **Missão Vila Nova** – Parintins: dos jesuítas aos missionários do pime. Parintins: gráfica João XXIII, 2003,